

Elwood Scott, *Paraíso, a Cidade Santa e a Glória do Trono*, trad. Palavra da Fé Produções (São Paulo: Palavra da Fé Produções, sem data). — Talvez fosse interessante lembrar que o *Palavra da Fé Produções* está ligado ao nome conhecido da missionária Valnice Milhomens.

O autor afirma que "por muitos meses" deu carona a um homem de barba prateada, de quem recebeu visitas freqüentes, e que finalmente pediu-lhe que taquigrafasse umas mensagens (p.1). Essas mensagens taquigrafadas durante dezessete visitas formam o conteúdo do livro. Nele, Scott afirma que seu estranho visitante chamava-se Seneca Sodi, falecido fazia tempo, e agora vivendo já no corpo ressurreto. Sodi, em vida, tinha sido grego descendente de judeus, "firme crente no Cristianismo e um dedicado estudante de sua Bíblia" (p.2). Ele tinha sido casado, havia sido pai de seis filhos (p.101), e havia morado na encosta das montanhas das Cascatas, na Noruega.

Durante as visitas, Sodi teria contado a Scott o que viu e experimentou no céu por quarenta dias. A narrativa que Scott faz do depoimento de Sodi inclui um relato de como Sodi chegou ao Paraíso e encontrou-se com sua mãe, sua esposa, sua filha (falecida pequena, agora uma adulta de 77 anos). Narra ainda como ele encontrou-se com profetas e apóstolos e outros grandes líderes da igreja do Velho e do Novo Testamentos, e como foi o grande encontro com o Senhor Jesus numa das portas da Cidade Santa e a grande convocação diante do trono de Deus. Finalmente, é narrado como a alma de Sodi foi levada de volta à terra pelo anjo Gabriel, reunida com seu corpo ressurreto, e enviada para a casa de Scott nos Estados Unidos, onde Sodi ditou e verificou o relato, liberando-o para publicação antes de ser levado de volta para seu lar celestial. Tudo indica que Scott escreveu o livro pouco antes da Primeira Guerra Mundial, por volta de 1910, os anos da infância do movimento pentecostal. Infelizmente não foi possível localizar uma cópia do livro original em inglês para verificar a origem e a autoria das poesias no livro (p.74; 80; 106), o que talvez teria fornecido mais indicações sobre os autores e a época em que escreveram.

O livro tem alguns aspectos positivos. A doutrina de Deus, por exemplo, revela uma posição bíblica do autor: não deísta, nem panteísta, e sim a posição bíblica teísta trinitariana (p.132). Também a doutrina sobre o Senhor Jesus Cristo é muito bíblica, tanto na confissão citada (p.134) como em todas as pressuposições e implicações, e mesmo sobre a pessoa do Senhor. O autor crê na preexistência (p.51; 161), na encarnação (p.134), no segredo das duas naturezas em uma pessoa, e isso, sem desviar-se para o docetismo, o arianismo, o monofisitismo ou o nestorianismo; enfim, o autor permanece na posição niceno-calcedônica (p.134:11). Ele também é bíblico no que escreve sobre a obra de Cristo, seu ministério terreno, inclusive sua pregação e curas, seu sofrimento e sua morte vicária e propiciatória pelos pecadores, sua ressurreição, o sentar-se ao lado do Pai, a sua intercessão e a sua volta (p.38; 54; 135:15). O ensino sobre o Espírito Santo é ortodoxo, inclusive no "filioque" (p.135:13). Não é pentecostal e não há nenhuma referência ao falar em línguas estranhas como prova da plenitude do Espírito Santo. A aplicação da redenção por Cristo nos corações é claramente reconhecida como obra do Espírito Santo (p.136:17,21).

Também na doutrina sobre o pecado o quadro é essencialmente bíblico. O autor reconhece o pecado original herdado, e a depravação de todos os homens. Sua explicação é simples mas clara: "a linhagem da humanidade foi contaminada na sua fonte" (p.135). A morte, que pode ser chamado "sono" (p.47), e que é o castigo pelo pecado, constitui-se

na separação entre o corpo e alma (p.4); o que pode soar um tanto gnóstico é a expressão "almas liberadas" (p.59). Todavia, o contexto não despreza a matéria, e nem é panteísta, budista ou universalista. Scott reconhece ainda a concreta possibilidade do "abismo da morte eterna", o outro "polo do ímã" (p.20, 42), o "lago que arde com fogo e enxofre" (p.93; 159), e reconhece a perdição dos anjos caídos e dos seres humanos que rejeitam o Senhor (p.92). A doutrina da salvação que ele abraça mostra claramente que a salvação é por graça imerecida, e que a justiça é imputada gratuitamente. E há pessoas que se salvam por um triz (p.85).

Há algumas deficiências e tendências na obra que trazem preocupação. Pessoalmente, creio que falta uma frase no fim do livro, algo como João Bunyan escreveu: "Acordei e eis que era um sonho, o sonho mais belo da minha vida..." (cf. p.145). O que Scott escreve podia ter sido um sonho de verdade ou um sonho imaginado. Agora, porém, como está, o conteúdo do livro é apresentado como se fosse um relato de um mensageiro celestial (Seneca Sodi), e como se fosse informação acima de questionamento. Às vezes soa um pouco como revelação complementar a perguntas que para nós, na terra, ficam sem resposta até o último suspiro. Essa idéia de revelação complementar, por exemplo, está patente na explicação do "espinho na carne" de Paulo, que, segundo o livro, teria sido um inimigo do apóstolo (p.71); ou, ainda, nas informações sobre o anjo Gabriel (p.166), e, especialmente, na descrição do "Livro da Vida", do qual haveria uma cópia em cada uma das doze portas na Cidade Santa. Nessas cópias, prossegue o livro, estariam contidos também os "Registros do Filho de Deus", com informações de fontes obviamente apócrifas, como o ensino que Jesus teria recebido do Pai aos cinco anos (p.52, 53).

No parágrafo sobre o novo nascimento (p.137) há um certo raciocínio circular, como ocorre em geral quando se tenta resolver problemas teológicos na "ordem da salvação". Quem sabe teria sido melhor reconhecer que é um problema teológico além da nossa capacidade mental (até da capacidade dos glorificados, p.133). Em geral, as descrições são muito humanas, inclusive as descrições do céu. Eva chega até a corar, quando se lembra que seu namoro foi breve: "Era eu ou ninguém..." (p.138). Também é muito ocidental e nórdico, pois diz que no céu não há mais distinção de cor, visto não existir mais negros, somente brancos (p.91). Os costumes que ele descreve como sendo habituais no céu também são ocidentais, como o aperto de mãos e o abraço fraternal (p.35), com seu "bom dia" (e não a "paz do Senhor" como na terra; p. 123). Essa saudação é meramente ocidental, e não, por exemplo, indiana ou ártica. O ambiente do céu, segundo o autor, é muito moderno, inclusive com elevadores. As carruagens são ultra-velozes, como a dos anciãos, que se assemelham mais a um "tally-ho" (carruagem puxada por cavalos, 130); há outras que, no apertar de um botão (p.109), voam com a velocidade do som ou da luz (p.98; 117).

Embora a doutrina sobre o homem seja bíblica (Scott afirma tanto a Criação do mundo quanto a criação do homem à imagem de Deus) talvez fosse melhor não usar a palavra "divino" no parágrafo 14 da "Confissão dos Anciãos" (p.135), para evitar-se a impressão de que o homem ou qualquer outra coisa criada possa ultrapassar a categoria de criatura. *Mutatis mutandis*, evitar-se-ia a palavra "animal" (aristotélica), exatamente por haver uma diferença de categoria dentro desse grupo, como mostra a própria descrição acima.

Finalmente, às vezes o conteúdo do livro parece um pouco espírita. Um conhecido líder presbiteriano disse-me certa vez: "Esse livro cheira a espiritismo; nem li o último capítulo, não agüentei mais". Apesar de concordar integralmente que o conteúdo possa ter uma aparência espírita, creio que o livro não o é. No Brasil, sem dúvida, é mais fácil chegar a esta impressão. Alguns poderiam mesmo usar o livro como "prova" de que seu

autor tinha convicções espíritas. Entretanto, essa heresia perniciosa, que é o espiritismo, não deveria roubar a nossa alegria da esperança de que um dia estaremos no céu, onde veremos coisas maravilhosas, e de que posteriormente teremos um corpo ressurreto, passando a andar inclusive na nova terra. Sabemos que Cristo é o Primeiro, e que outros ressuscitaram por causa dele, tanto os "santos" na hora da Sua morte (Mt 27.52-53), como o filho da viúva de Naim, Lázaro, e Dorcas. As mentiras do espiritismo nunca nos deveriam roubar estas verdades.

Uma outra observação, é que nas ressurreições acima mencionadas, de Lázaro, de Dorcas, do filho da viúva de Naim, e dos "santos", não há indicação nenhuma nos relatos bíblicos de que as pessoas que ressuscitaram já estivessem no corpo da última ressurreição. Aliás, isto não poderia ocorrer antes da vinda do Senhor. Embora esses ressuscitados pudessem ter contado muito sobre o tempo que passaram no céu, nós não temos nenhum relatório nas Escrituras do que viram ali.

Por isso, devemos ter muito cuidado com revelações complementares. Se forem "acréscimos" à Palavra de Deus, estão indo contra a clara advertência de Ap 22.18. Apesar de neste livro essas "revelações" em geral serem mais explicações de trechos difíceis, devemos ter muita cautela: elas poderão tornar-se facilmente em uma "teologia do Paraíso", como alguns parecem aceitar uma "teologia de Perretti"*. Se a história fosse verdade, creio que, certamente, nem a metade nos foi contada. Mas, por incrível que pareça, a história teria a sua credibilidade aumentada se fosse mais como o "Peregrino" de Bunyan ou "O Regresso do Peregrino" de C. S. Lewis, obras que claramente se apresentam como fictícias. Por isso, ainda acho que a última frase do livro deveria ter sido: "Acordei, e eis que era um sonho..." (cf. p.145).

* O autor refere-se a Frank Perretti, autor dos conhecidos romances *Este Mundo Tenebroso* – dois volumes –, que têm se tornado mundialmente uma das obras básicas dos proponentes do movimento de Batalha Espiritual (Nota do Editor).

— Frans Leonard Schalkwijk